

que todos os camafeus se lembram de sahir a apanhar um bocadinho de sol. Pois durante o espaço de tempo privilegiado em que o rei dos astros se mostrou nosso amigo, Lisboa foi terra de linda gente, o que facil seria provar com o rol das pasceantes que encontrei por esses asphaltes, na linda luz d'estas tardes. Sol no ceo, estrellas na terra, um frõsinho que não deixava de ser agradável, um arzinho de primavera que pôz já as flores espreitando nas arvores e inspirou aos passaritos um ensaio de primeiros trinados!

As noites herdavam do dia a expirar a luz e a alegria. Quantos namorados contemplaram extasiados as estrellas do ceo, scintillando no azul, como no rosto formoso da mulher amada os olhos a falarem de amor!

*O' noites de Lisboa!
Noites de poesia!*

Foi n'uma d'estas amorosissimas tardes que as lindas pasceantes na rua do Ouro viram com espanto um esquadrão de cavallaria avançando, seguido a pouca distancia pelos coches da casa real, no ultimo dos quaes, acompanhado pelo Conde das Alcaçovas, seguia o novo nuncio em Lisboa, monsenhor Macchi.

Que lindo effeito lhe faria a cidade, n'aquella hora do crepusculo em que elle a atravessou! Que deslumbrante vista a do Tejo, todo a scintillar, como se cada raio de sol se houvesse nas aguas solidificado n'uma estrelinha de prata!

O nosso grandioso porto deve causar impressão a todo o estrangeiro instruido que, pela primeira vez, visita Lisboa. Toda a grandeza do nosso passado deve ali surgir-lhe ante os olhos a reverem factos dos mais notaveis na historia da humanidade. Foi n'este immenso estuario que aportaram as naos que vinham das Indias carregadas de riquezas, estuario que depois parecia pequeno para contel-as.

Como esses tempos vão longe! Que esforço de phantasia será preciso para recordal-os? Que resta de toda a esplendida grandeza com que os portuguezes assombravam o mundo?

Pois n'este momento era bem simples demonstrar ao que taes perguntas fizesse, que nem tudo se desmoronou, que não foram meteoro a fulgir e a desaparecer para sempre as accões dos velhos heroes. Bastava mostrar-lhe a bandeira verde e amarella, com espheras ao centro, que n'este momento ondula ás brisas portuguezas. Ella fallaria do passado, ella fallaria do presente que d'elle derivou. Contaria a historia d'uma das maiores nações do mundo, em que se fala ainda hoje a lingua portugueza muito querida dos seus filhos, paiz cuja existencia, cuja força e cujos filhos, bastariam para honrar eternamente Portugal.

O navio-escola *Benjamin Constant*, actualmente surto nas aguas do Tejo, vem pagar a visita feita pelo cruzador *D. Carlos* ao Rio de Janeiro por occasião de ser elevado ao cargo de presidente da republica o sr. dr. Rodrigues Alves.

Tendo visitado alguns portos da America, da Inglaterra e de Hespanha e havendo soffrido um violentissimo temporal na travessia de Nova-York para Plymouth, o *Benjamin Constant*, está quasi no termo da sua viagem, devendo d'aqui, tocando em Las Palmas, dirigir-se ao Brazil.

Aproveitando a estada do cruzador em Lisboa, uma commissão presidida por Brito Aranha mandou collocar solememente na casa da rua Garrett em que nasceu o almirante Barroso, uma lapide commemorativa do facto. Para a inauguração são convidados os officiaes brazileiros, legação e consulado, governador civil de Lisboa e presidente da camara municipal.

Ainda não terminou a serie das glorias comuns a Portugal e Brazil, que tantas foram.

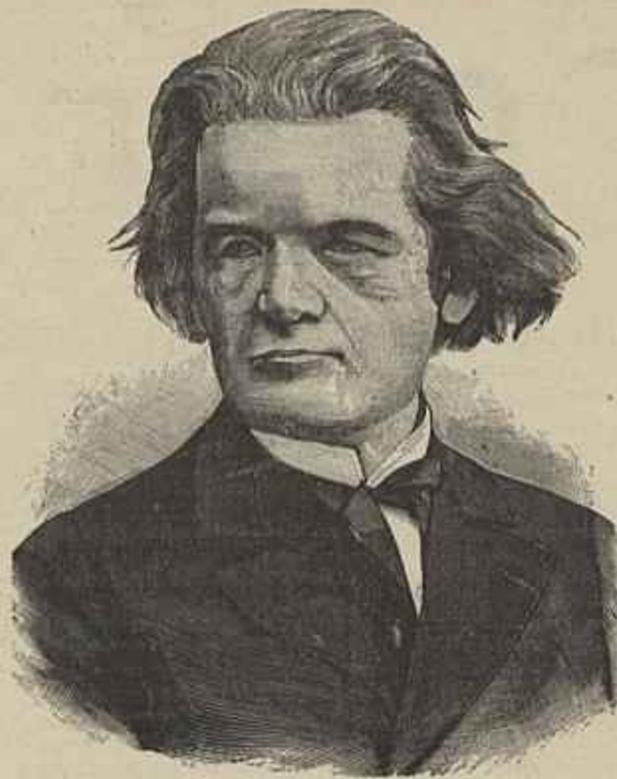
Muitos officiaes brazileiros teem descido a terra e, nos dias bonitos que tivemos, por ahí os encontramos frequentemente passeando nos pontos da cidade mais frequentados.

Vindos do norte, vinham acostumados ao frio, e estamos certos que não desgostariam de haver achado aqui o bocadinho de sol, que as nossas elegantes iam apanhar á Avenida, entre o concerto dos pardaes, unica musica que é dada, por premio de consolação, a quem não pôde frequentar S. Carlos.

Que isto não é comparar as estrellas de opera aos passarinhos garotos. Para ellas os cotejos ornithologicos são outros, rouxinoes na Europa, sabias no Brazil.

Não nos queixemos de musica em Portugal n'estes ultimos dias; nem nos queixaremos nunca mais se compararmos os nossos tempos com outros muito mais desgraçados que já foram.

No theatro de S. Carlos cantou-se uma d'estas



RUBINSTEIN

noites a formosa opera *O Demonio*, de Rubinstein, celebre compositor russo, ainda mais celebre como pianista.

Ficou lembrado o unico concerto que elle deu em Lisboa no mesmo dia em que o imperador da Russia, pae do actual, foi assassinado. Esconderam-lhe a nova, levaram-o para Cintra, e só lhe disseram a verdade depois de executada a ultima peça annunciada. Elle partiu immediatamente, abatido pelo mais violento desgosto.

Outro notavel pianista deu na quarta feira seu primeiro concerto entre nós, no theatro D. Amelia. Vinha da Hespanha e precedera-o grande reputação pelos concertos que deu em Madrid. Eximio na execução de todo o programma, colheu entusiasticos applausos na interpretação de Beethoven, o genial compositor que um critico notavel poz acima da humanidade, só com Dante e Miguel Angelo por companheiros.

Malatz ainda dará um novo concerto na proxima segunda feira.

Os outros theatros de Lisboa tambem teem obtido concorrência, cada qual procurando chamar a attenção do publico com a escolha que faz do repertorio. Todos os dias os jornaes annunciam primeiras representações de dramas, comédias, operas comicas ou revistas, umas em ensaios, outras em preparação.

No theatro de D. Maria foi muito applaudida a peça de Coelho de Carvalho, sua estreia como auctor, *Casamento de Conveniencia*. Escripção ha já bastantes annos, e como Coelho de Carvalho sabe escrever, refundiu-a agora para a entregar ao publico.

O Circo apresentou ha dias a novidade da *Setta humana*, trabalho gymnastico de grande effeito, que para elle atrahê enorme concorrência.

Agora, proximidades do carnaval, fã-se muito em bailes e festas. Esplendida dizem, foi a *souree* na legação ingleza, a que concorreu a melhor sociedade de Lisboa. D'outras correm noticias contradictorias, e tudo vaê servindo de assumpto de conversação á sociedade que se diverte.

O carnaval vem proximo. Já por todas as lojas se vêem as mascaras penduradas, parecendo cabeças de executados em alguns d'aquelles morticínios famosos nos paizes cruéis do Oriente.

Será elle civilizado, como mereceu por honroso cognome o do anno que passou? A nossa boa sorte assim o queira e consta-nos que bastante se está trabalhando para esse fim, por iniciativa muito louvavel da Associação da Imprensa.

A Companhia Real dos Caminhos de Ferro do Norte e Leste resolveu que os bilhetes de ida e volta para esta cidade fossem validos por sete dias, de 12 a 18 do proximo mez. Esta resolução atrahirá forçosamente a Lisboa um grande numero de provincianos.

Haverá alegria, se o tempo nos quizer favorecer e, durante uns tres ou quatro dias, esquecer-se-hão misérias e desgraças que vão por este

grãozinho de areia, que se chama mundo, e onde é maior do que elle a ambição dos homens.

Este é o peor dos nossos males e o maior inimigo dos amigos da paz, ora esperanças ora desilludidos com as constantes e contradictorias noticias que a toda a hora chegam do conflicto entre o Russia e o Japão.

Na politica portugueza corre tudo agora mais soceadamente, depois da chegada do sr. João Franco a Lisboa, onde amigos e partidarios o receberam em triumpho.

Só uma noticia triste temos a dar, já que de politica falámos: a morte do velhissimo general D. Luiz da Camara Leme, par do reino, ha muito teimando na lei das incompatibilidades. Ministro de estado honorario, foi sempre por todos considerado e respeitado, durante uma longa vida de oienta e tantos annos. Paz á sua alma.

João da Camara

ESTRELLAS

Do Dr. Manuel Moreira Junior.

Antigamente, em epoca de crencas,
Cheias de fé, ha tanto já perdida,
Suppunha-vos luzinhas mal suspensas,
Guiando-nos na estrada d'esta vida.

Depois perdeu-se a fé nas trevas densas
D'alma que voa em ancias, insoffrida...
Espargindo fulgurações intensas,
Que vos importa a vós a nossa lida?

Hoje, triste, sentindo a Desventura,
Que a todos nos opprime em furia insana,
Só detida de encontro á sepultura,

Vejo que sois de essencia mais profana,
Descubro n'essa luz que em vos fulgura:
As lagrimas fataes da alma humana.

Janerio, 1904.

Santa Cruz Magalhães.



AS NOSSAS GRAVURAS

VISITA DO CHEFE DO PARTIDO REGENERADOR LIBERAL ÁS PROVINCIAS DO NORTE

A visita do sr. conselheiro João Franco ás cidades do norte, na qualidade de chefe do partido Regenerador Liberal, e em propaganda d'esse partido, foi um dos assumptos sensacionais da politica portugueza no corrente mez.

Registrando-o n'esta revista temos occasião de fazer acompanhar este registro d'um magnifico grupo da photographia *Biel* do Porto, em que figura no logar de honra o sr. conselheiro João Franco, acompanhado pelo sr. Mello e Sousa, drs. Luiz de Magalhães, Luciano Monteiro, Pinto de Mesquita, Antonio Vianna, e Fernando Martins de Carvalho, Teixeira de Vasconcellos, José Novaes e João Saraiva.

No Porto realisou-se um banquete de quatrocentos talheres, no theatro do Principe Real, seguindo depois o sr. João Franco acompanhado pelos seus amigos para Braga, Guimarães, Aveiro e Coimbra.

Em todas as localidades foram pronunciados discursos de propaganda e defeza das idéas que constituem o programma politico do sr. conselheiro João Franco, havendo manifestações promovidas pelos seus partidarios em todas aquellas localidades.

No regresso o chefe do partido Regenerador Liberal teve uma entusiastica recepção na *gare* do Rocio pelos seus adeptos, que assim tiveram ensejo de manifestar em publico a sua sympathia e adhesão aos principios de administração e governo do seu chefe.

Sua ex.^a projecta para breve identica digressão

ao sul do paiz, afim de afirmar ali as suas ideias com respeito à forma de administrar em proveito da economia do thesouro e do desenvolvimento dos elementos vivos da nação.

COURAÇADO «VASCO DA GAMA»

No dia 12 de dezembro ultimo, entrou no Tejo o couraçado portuguez *Vasco da Gama*, sob o commando do capitão de mar e guerra sr. Gomes Coelho e do immediato capitão de fragata sr. Antonio José Velloso.

Em o n.º 847 OCCIDENTE de 10 de julho de 1902, nos referimos as modificações que se projectavam fazer a este vaso de guerra, consistindo a mais importante no alongamento a meio navio, e tambem que havia sido dado á casa Orlando, de Liorne, essa reconstrução.

Podemos hoje acrescentar que o reconstructor executou em Spezia cinco séries de experiencias, concluindo que a forma de resolver o problema para obter uma velocidade de quinze milhas e meia apenas com a força de 6.000 cavallos indicados, seria alongar o navio levando o seu comprimento a 71^m,30; ou seja o comprimento máximo de 76^m,10.

A largura de bocca do couraçado mede 12^m,28; imersão media 5^m,56; deslocamento 3.000 toneladas. Tem duas machinas de triplice expansão; cinco caldeiras cylindricas; depositos para quatrocentas e vinte toneladas de carvão e acomodações para uma guarnição de duzentos e sessenta homens.

O armamento do couraçado consta de duas peças Armstrong 203/40; uma peça de 15/45; uma peça de 76/40; oito peças de 47/40; e duas peças de 6 m/m 5.

É protegido por uma couraça de ferro forjado com 0^m,254 de espessura decrescendo para os extremos.

A instalação electrica é composta de tres dynamos Compound com motores proprios fornecendo energia para a iluminação interna e externa e para a transmissão de força.

O navio tem oito embarcações. É debaixo do tombadilho que está o alojamento do commandante. A camara toda em obra de talha é um primor artistico.

A entrada tem um bronze em alto relevo com o busto de Vasco da Gama e as armas da Vidigueira e no fundo representada a Asia, a Africa e a Europa; em volta, em duas fitas do mesmo metal, lêem-se as seguintes legendas:

A Patria honrae, que a Patria vos contempla

Por mares nunca d'antes navegados.

A camara dos officiaes é tambem decorada com gosto, fazendo parte do seu mobiliario um piano offerecido pela casa Orlando.

Tem camara tambem para os guarda-marinhas. Avante são os alojamentos do estado menor constando de magnificos camarotes e camara.

A primitiva disposição de artilhamento do navio foi modificada pelo capitão de fragata sr. Almeida Lima, que foi em commissão de serviço expressamente a Liorne para esse fim.

A reconstrução custou quinhentos e trinta e tres contos oitocentos e doze mil e quinhentos réis.

EXPOSIÇÃO COLUMBANO

Foi um verdadeiro acontecimento artistico a exposição de quadros de Columbano Bordallo Pinheiro, na sala grande da redacção do *Diário de Noticias*.

Acontecimento artistico em Lisboa, sel-o-hia em Paris, em Londres, em qualquer capital da Europa, onde são vulgarés estas exposições, que chamam sempre a concorrência dos amadores, da melhor sociedade, dos curiosos, de todos que se interessam pela arte, e são muitos, porque ella faz parte da sua educação.

Esta exposição, porém, teve de particular o ser das obras d'um só artista, em pleno vigor de sua produção, deixando no caminho um rastro brilhante e seguindo para um futuro que não é facil prever.

E, senão que o diga a acerba critica, que ha poucos annos passados levantava a obra de Columbano ainda não comprehendido. Dividiam-se os combatentes em suas opiniões, mas grande coisa era despertar a indiferença e provocar a critica. Havia novidade, havia interesse. Era uma esperança para o artista.

Elle caminhou, progrediu sempre; sósinho com a sua individualidade, com o seu sentimento, sem

se desnorrear com a critica, o seu pulso era mais forte que todo o aço das pennas que o criticavam; e fez uma pintura sua inconfundivel, que nos surprehende, que nos commove, que nos detem a pensar na sua obra, a cogitar que magia nos prende ante os seus quadros.

A critica... que tem ella agora a dizer? O que que dirá ella amanhã, depois, d'aqui a muitos annos?

N'esta exposição poude-se avaliar todo o caminho percorrido por Columbano. Estava ali a sua historia, desde os primeiros quadros até aos ultimos que tem feito. Vê-se a evolução do seu espirito; como elle se apossa dos seus meios e vae definindo seu ideal.

O seu pincel tem vida, tem cor, tem collarido. Tem tudo que, porventura, lhe negaram que tivesse. Tem mais que tudo isso: tem o talento.

Os retratos que pinta na tela são animados, vivem, conversam com a gente, são flagrantés, psychologicos. E tudo isto Columbano consegue com uma sobriedade de processos e de tintas, de uma forma estranha, unica, incomparavel.

Muito de proposito não citamos escolas nem artistas para estabelecer comparações difficeis de aquilatar. As obras de Columbano tem sido justamente apreciadas no estrangeiro, nos centros da grande arte, em exposições de Berlim, Dresde, Londres, S. Petersburgo, Glasgow e Paris onde lhe conferiram uma medalha de ouro. Criticos estrangeiros d'ellas se tem occupado com interesse.

É grande conquista para um pintor portuguez e desvanecimento para a terra em que nasceu, mas a Arte é de todo o mundo como de todo o mundo são tambem os grandes artistas.

C. A.

A GUARDADORA DE GANSOS

(Dos Irmãos GRIMM)

A' galante filhinha do meu amigo Victor Ribeiro



EM epochas que já lá vão, vivia n'um logar solitario uma velhinha muito corcovada, que possuía uma bonita cabana. O logar era rodeado por uma grande floresta aonde a velha todas as manhãs dirigia,

apoiando-se a uma muleta. Ahí passava o dia a trabalhar horas e horas, com um ardor improprio do seu adeantado numero d'annos; cortava a herva para os gansos que gostavam muito d'isso; colhia avellans, bolotas, pinhões e varios fructos selvagens; em seguida pegava no fardo, que lhe parecia leve como uma penna.

De longe em longe avistava viandantes a quem delicadamente saudava e entretinha-se a palestrar com elles. A maior parte d'elles, porém, livrava-se d'ella logo que era possivel; os paes aconselhavam os filhos a que se não approximassem d'essa velha que diziam ser bruxa.

N'uma certa manhã, um rapaz muito bem trajado atravessou a floresta. O sol dardejava seus raios, os passarinhos chilreavam e uma pequena aragem movia as folhas do arvoredo. N'um dado momento, o joven topou com a velha que, de cores ligava o sacco, cheio de herva para os gansos, com uma corda, e á ilharga d'elle estavam dois cestos carregados de maçãs.

— Boa creatura, pois tu podés sósinha com esses fardos?

— Assim é preciso — retorquiu-lhe. — Os ricos podem cruzar os braços, mas os camponezes não descansam; embora vergados como eu — e vendo que o rapaz a olhava compassivamente ajunctou: — Queres auxiliarme? Ainda andas lesto e tens as pernas fortes; esta carga não te deve pesar muito; tens pouco que caminhar; a minha casa é perto d'aqui; fica na charneca no alto da collina.

— Pois, sim — concordou sorrindo o moço fidalgo. — Embora descenda de um conde não quero que se diga que só os do campo é que pegam em fardos.

— Queres ser tão bom que me auxilies? — retrucou a velha — E' um grande serviço que me prestas. A minha casa dista d'aqui ainda uma boa hora de caminho.

O moço não ficou muito satisfeito com esta informação; mas não teve tempo para mudar de ideia, porque a velha collocou-lhe o sacco ás costas e poz-lhe um cesto em cada braço. Foi-se abaixar com o peso.

— E esta, hein?! Parece que o sacco tem pedras e os cestos chumbo.

Ia a livrar-se do peso, mas a velha troçou-o: — Ora vejam este mocinho que não tem forças para conduzir estes pesos e eu, que já quasi me não posso ter, carrego com elles todos os dias. Vamos, mexe-me essas pernas?

E effectivamente o conde notou que os fardos estavam como pegados ás costas; deu uns passos e a comêço lá ia andando, mas, ao trepar a collina, o suor caía-lhe em bica e não sabia de que terra era, a ponto de querer descançar o que a velha não consentiu pretextando que em casa descançaria. O fidalgo é que não ia muito contente com a cousa e de novo tentou desembaraçar-se do peso que o opprimia, mas nada conseguiu por mais que sacudisse as costas. A velha ria, e ao ver os seus improprios esforços pulava de contentamento; incitava-o promettendo-lhe recompensa, e este sempre resmoneando, acabou por se deixar levar pelo destino e encaminhou-se para onde a velha queria; andava com custo e levou meia hora a trepar a montanha. Ao chegar ao topo enxergou a casa da velhinha; ahí encheu-se de coragem e apressou o passo, o que pouco durou porque aquella pulou para as costas o que fez com que vergasse e quasi caísse; a velha era uma carga d'ossos, mas pesava que nem ferro. Com muitos lamentos tomou de novo o andamento e quando ia a descançar a velha não deixava e batia-lhe com a muleta.

Quando já estavam proximos da casinha, os gansos, que por allí vagueavam, ao avistarem a dona, foram ao seu encontro, sacudindo as azas, alongando o pescoço e grasnando; após o bando vinha uma mulher muito feia que se dirigiu á velha, dando-lhe o tractamento de mãe, perguntando-lhe qual o motivo de tanta demora, ao que esta redarguiu que tinha deparado com um rapaz muito amavel que se prestara a auxiliá-la e que o fizera. Então, mas só então, é que se resolveu a desmontar e bem assim livrar do peso o pobre rapaz que caiu extenuado em cima d'um tronco d'arvore.

— Quanto a ti vae para casa; és nova e bonita e este rapaz apaixonou-se por ti.

O moço-fidalgo, embora exausto, não poude deixar de sorrir-se á ideia de se apaixonar por uma mulher tão horrivelmente feia. A velha, em seguida a umas caricias aos gansos, entrou em casa com a filha. O joven estirou-se sobre o tronco que estava á sombra d'uma tilia. O ar estava puro e perfumado do odor das varias especies de flora que por allí vegetavam; os gansos tinham ido banhar-se a um riacho que corria perto. O conde adormeceu e d'ahi a uma hora a velha veio acordá-lo, dizendo-lhe que eram horas de partir, que não lhe era possivel dar-lhe pousada; e presentou-o com um pequeno estojo feito de uma unica esmeralda a indemnizá-lo da fadiga que havia tido, e que era um dom de felicidade.

O moço accitou e levantou-se, notando com certa surpresa que não estava já moído, bem pelo contrario, lesto e bem disposto. Disse adeus á velha e não pediu para se despedir da guardadora de gansos. Embrenhou-se pela floresta, equipou-se no caminho e perdeu-se. De noite aproximou-se de uma barraca de carvoeiro, que lhe deu guarida; nos tres dias consequentes vagueou por essa espessura, e acabou por sair pelo lado contrario áquelle em que entrara.

Encontrou-se n'uma região que nunca vira. Chegou á capital e foi ao palacio real, onde os monarchas o receberam no meio da sua corte. Pondo um joelho no coxim ao pé do throno, offereceu á rainha o estojo que a velha lhe havia dado; a soberana, ao ver o seu thetudo, teve um deliquio, e os archeiros, a uma ordem do rei, prenderam o conde, que depressa foi solto, porque a rainha, voltando a si, quiz-lhe falar a sós. Apenas a corte se afastou, a excelsa princeza contou o motivo porque desmaiara. Tinha tres filhas, todas ellas muito bonitas, mas a mais nova era uma maravilha de encanto. O cabello era louro como o trigo. Chorava perolas mais puras do que as proprias perolas. Tinha quinze annos, quando o rei se lembrou de a chamar, bem co-

A Exposição Columbano



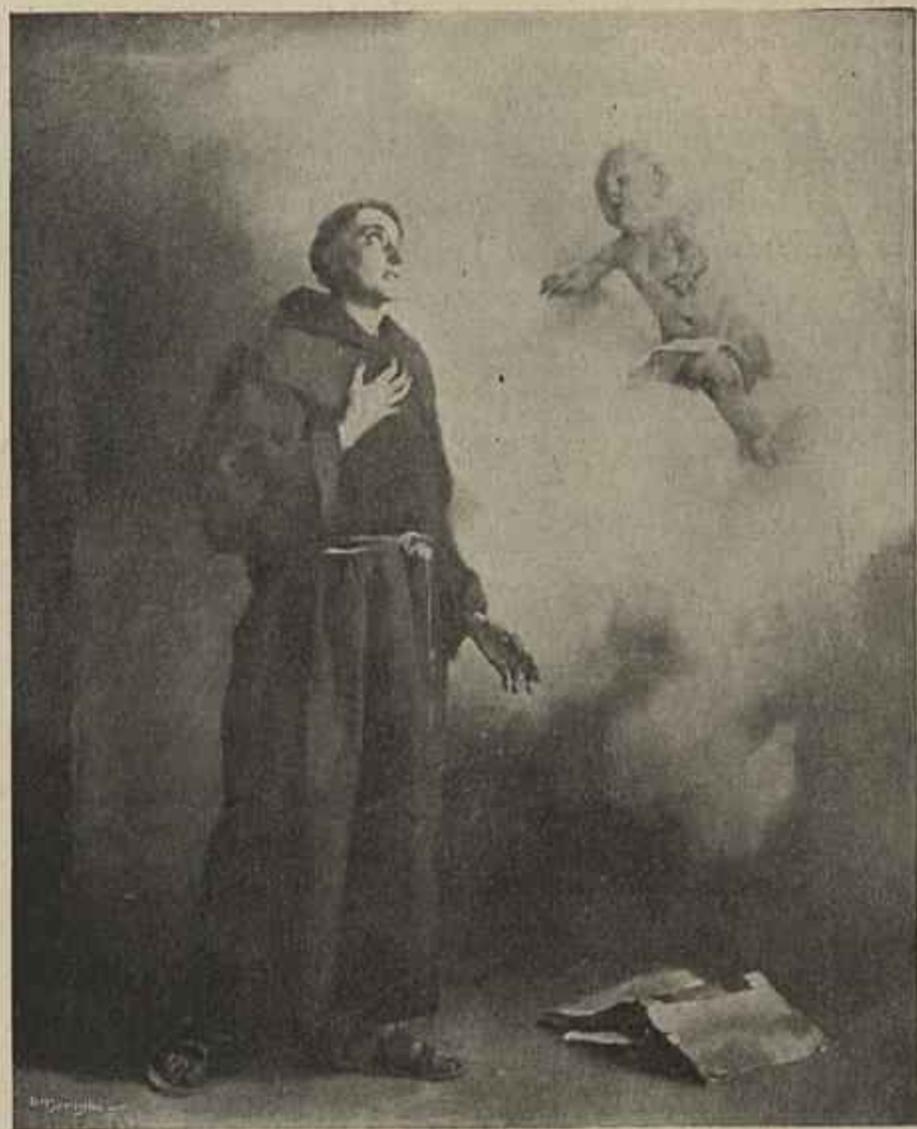
COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO



O CHÁ



FRUCTOS



A VISÃO DE SANTO ANTONIO

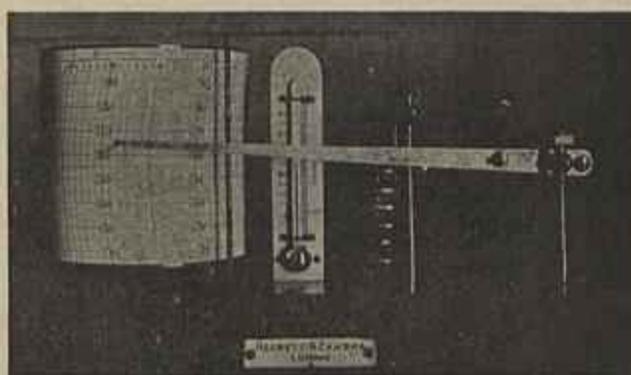
(Photographias do sr. Arnaldo da Fonseca)



BEIRA — OBSERVATORIO METEOROLOGICO, NA RUA CONSELHEIRO ENNES



BEIRA — OBSERVATORIO METEOROLOGICO, VISTA INTERIOR



O BAROGRAPHO «RICHARD» NO OBSERVATORIO METEOROLOGICO DA BEIRA

mo as irmãs; quando appareceu ante a côrte, dir-se-hia a Aurora; todos extendiam os pescoços para melhor a vêrem. O rei queria dividir o reino, mas quiz saber qual era a que mais o estimava. Uma gostava tanto d'elle como de gulodices; outra como do seu mais lindo vestido; só a mais nova se calára, mas instada pelo pae, disse que o adorava infinitivamente, comtudo não sabia com que comparar essa affeição; tanto o pae a apertou, que por fim disse que não gostava de comida alguma que não levasse sal, e que, por conseguinte, gostava tanto d'elle como do sal. O rei encolerisou-se com a resposta e fez com que expulsassem a pobre pequena do palacio com um sacco de sal ás costas, não obstante as supplicas e os pedidos.

A pequena foi conduzida a uma grande floresta. Enquanto durou o trajecto a pequena não fez outra cousa senão chorar e lastimar se, por ser separada dos paes e das irmãs, a ponto de trazer um açafate cheio de perolas que dos seus olhos haviam brotado. No dia immediato o furor régio socegou e foi acommettido de tal arrependimento, que mandou logo emissarios bater matto a vêr se encontravam a juvenil princeza, mas foram baldados esforços. Seria devorada por algum animal selvagem? Não se queria habituar a esta horrivel lembrança; talvez que alguma boa alma a acolhesse em seu lar, e o estojo dava a entender-lhe isso. Admirára-se bastante a real senhora ao vêr duas perolas absolutamente eguaes ás que haviam vindo no açafate, e pediu que narrasse o modo por que o rapaz as conseguira. O conde, então, contou tudo o que atraz ficou dito.

Apezar da historia lhe ser contada com fidelidade, a soberana resolveu ir ter com a velha para indagar a maneira por que essas perolas lhe tinham ido parar ás mãos. Confiou esta ideia ao rei, que accedeu em acompanhal-a, afim de saber, por aquelles vestigios, onde era que a filha parava. No

dia immediato partiram todos para a nossa conhecida floresta, servindo-lhes o moço-fidalgo de guia. Passados dias, a velhinha estava a fiar no tear; começava a escurecer; de subito ouviu-se um barulho muito grande; eram os gansos que vinham grassando em varios tons. Um momento depois entrou no quarto a guardadora dos palmipedes, e, saudando a fada, tambem se poz a fiar. Permaneceram assim durante muito tempo. Passado um bocado, bateram tres pancadas a uma janella, ao mesmo tempo que se ouviam uns pios. Era um morcego. A velhinha disse que era o signal para a guardadora de gansos ir trabalhar. Esta deixou o quarto sem dizer cousa alguma e encaminhou-se, atravessando a charneca, para uma fonte que havia á entrada da floresta. Fazia um tão purissimo luar que se via um alfinete na relva. Chegada ali, sentou-se n'uma pedra grande e despiu uma pelle que lhe cobria, como uma mascara, todo o rosto e cabeça; curvou-se, lavou na limpida agua e estendeu depois sobre a herva essa pelle. Qual a metamorphose que então se deu? Em lugar de um camapheu, appareceu uma menina de uma belleza surpreendente. O rosto era de um branco-matto e os cabellos eram puro ouro. De novo se sentou e começou a chorar e uma lagrima após outra caia na terra; essas lagrimas não desapareciam na areia, mas os raios de luz reflectiam-se n'ellas. A subitas ouviu um ruido, sobresaltou-se e estremeceu como uma tímida gazella, tapou logo o rosto com a tal pelle e depressa se eclipsou; exactamente n'essa occasião uma nuvem cobriu a lua.

Apenas se viu em casa, tremendo como um pudim de geleia, ia a narrar á velha o que lhe succedera, mas esta disse-lhe que já tudo sabia; em seguida, pegando na vassoura, poz-se a varrer a casa, o que admirou a assustadica creatura, ao que a velha objectou que tinha razão, mas se ella se não lembrava de que se completavam exactamente tres annos da sua permanencia alli e que se approximava o momento de se separarem. A rapariga ficou muito penalizada com tal resolução, pois não sabia para onde ir. Receou a vida dos gansos. A velha fez com que não se affligisse por causa dos gansos e notou-lhe que outro tecto haveria que a acolhesse, e que era forçoso desligarem-se; desde que ia para um sitio mais arredo, queria deixar a sua casa limpa, e que ia continuar a trabalhar. Que fosse para o quarto, que desafiavellesse aquella mascara que tanto a afeiava e que se vestisse e ornasse consoante a primeira vez em que se haviam encontrado. Que esperasse que a chamasse. A princeza desaparecida — pois que o era comomais adeante se verá — muito commovida obdeceu logo.

N'este intervallo o rei e a rainha penetraram na floresta, precedidos pelo conde. No terceiro dia tendo este avançado mais, viu-se desacompanhado dos soberanos e não teve meio de encontrá-los. Após algumas horas de andamento sem rumo, acercou-se, á noite, da extremidade da floresta, a uma fonte rodeada por tres carvalhos. Para estar acatellado dos animaes, que por ali abundavam, installou-se no meio d'uns ramos para passar a noite. Estava alli já ha algum tempo quando, aos raios da lua, avistou um vulto que reconheceu como sendo o da guardadora de gansos, embora não trouxesse a vara. Ficou satisfeito por vê-la, pois creu que não estava distante da casa que queria. Predispunha-se a descer d'onde estava para a interrogar quando notou que ella tirava a mascara que lhe tapava as faces. Ficou abismado ao ver a medonha pequena transformada n'uma belleza tão extraordinaria como nunca vira em côrtes onde fóra recebido. Para melhor a contemplar moveu-se um pouco o que fez com que os ramos estalassem e a rapariga se assustasse e fugisse, como atrás narrámos. Desceu da arvore resolvido a ir ver se encontrava a tal casinha. Passados alguns momentos deu de cara com duas pessoas que iam pela charneca adeante; foi logo ter com ellas e viu que eram os reis de quem involuntariamente se afastara. Disseram-lhe que se encaminhavam para lá. O fidalgo historiou-lhes o que vira e os monarchas não duvidaram de que fosse a filha tão querida e, apertando o passo, dirigiram-se para onde se avistava uma luz. Logo que chegaram onde queriam, viram os gansos em derredor com a cabeça escondida sob as azas e dormindo; acercaram-se e viram por entre os vidros a fada que retomara a roca após a limpeza. Passados alguns segundos a soberana, morta por ver a filha, bateu nos vidros. A velha ergueu-se e, tendo aberto a porta, disse com amabilidade que entrassem porque já sabia quem eram, e dirigindo a palavra ao rei accrescentou que podia muito bem ter evitado aquellas passadas, se ha tres annos não tivesse injusta e cruelmente aban-

donado aquella tão boa e amavel creança, na floresta. Precisarã durante este tempo de guardar gansos, comtudo conservava toda a pureza e innocencia do seu coração. Quanto a elle que desse por findos os desgostos. Em seguida saiu para chamar a princeza trajada á côrte; os cabellos eram puro ouro; os olhos dois diamantes; emfim um anjo celestial. Abraçou e beijou o pae que chorava de alegria e arrependimento. Só então é que deu com os olhos no fidalgo, que foi o portador da sua ventura: purpureou-se ao pensar no desprezo que elle apparentara ao julgal-a um monstro de fealdade. O rei deu a comprehender o quanto sentira haver dividido o reino pelas duas outras irmãs. A fada aconselhou-o a que não se amofinasse, porque guardara todas as perolas que a pseudo-guardadora de gansos derramara pensando'n'elle, e que eram mais preciosas do que as que nasciam no fundo do mar. Além d'isso como pagamento de tres annos de trabalho fazia-lhe presente da casinha, accrescentando que no subterraneo estava um cofre cheio de joias e ouro que tinham muito mais valia do que um reino.

Finda a preleção da fada, esta, abraçando a princeza, eclipsou-se de repente; ouviu-se um grande barulho e, emquanto o dêmo esfrega um olho, a casinha metamorphoseou-se n'um riquissimo e esplendoroso palacio.

Soubes-se mais tarde que a princeza esposou o conde e que por muitos annos viveram felizes. A velha não era uma bruxa como ao principio da historia se dá a entender, mas sim uma boa fada como o seguimento do conto indica.

Esta fada era a mesma que doára a princeza com choro de perolas. Quanto aos gansos eram raparigas muito tolas e pretenciosas que por castigo assim foram transformadas. Como acabara o tempo da sua sujeição e consoante a sua posição tornaram á primitiva forma humana sendo nomeadas damas de honor umas, aias da princeza outras.

XI-XI-CMIII.

Henrique Marques Junior.

Observatorio Meteorologico da Beira, Africa Oriental

E' uma das mais antigas a sciencia meteorologica; e, como nenhuma outra, tem ella progredido muito lentamente, a passos mal seguros de creança.

Por largos annos como que em dominio popular, mesmo pelos sabios assim considerada, resolveram-se estes, tão somente muito tarde, a estudal-a, a profundal-a. D'aqui, a descoberta de 4 pontos cardinaes. 1000 annos antes do Christo: Norte, Este, Sul e Oeste; não datando senão de 500 annos depois as quatro divisões intermedias: Nordeste, Noroeste, Sudeste e Sudoeste; seguindo-se-lhes, 100 annos antes de Christo, a celebre «Torre dos Ventos», construida em Athenas.

E' do meiado do seculo XVI a invenção do thermometro de Galileu e do anno de 1643 a do barometro de Torricelli.

Segundo Marié-Davy, no annuario meteorologico de 1872 do Observatorio de Montsouris, foram o astrónomo Picard e o medico Morin os que primeiro começaram as registrar as mudanças da atmosphera, no meiado do seculo XVII.

Em 1688, encarregava a Academia franceza um dos seus membros de notar as variações do tempo e os phenomenos meteorologicos. Continuando, assim, por annos.

Data do seculo XVIII a descoberta de Franklin, de como as grandes tempestades em America se transportam de Oeste a Este; lutando-se, então, devido ao mui rapido deslocamento de umas taes camadas atmosfericas, com a difficuldade na transmissão, para prevenir da approximação da tempestade. Mais tarde, devia o telegrapho prehencher uma tal lacuna.

Em 1730, avança a meteorologia um passo immenso devido á invenção de Reaumur, do seu thermometro. Deve-se, porém, a Leoomis a fundação da meteorologia moderna. Foi este sabio quem inventou o methodo de se concentrar sobre uma unica carta o resultado das observações feitas em as diferentes estações de um paiz. A elle se deve o poder-se figurar por meio de linhas as baixas da pressão atmosferica. Foi elle quem, com a construcção de cartas diarias, nos habilitou a seguir a marcha das tempestades e as modificações que se deem: quer na sua direcção, quer na sua intensidade e no perigo que ellas ameçam.

Em 1741, descorre Duhamel, n'um seu tratado de observações botanico — meteorologicas, sobre

a utilidade do estudo dos phenomenos atmosfericos quanto á agricultura.

Moulin, em 1746, nota a influencia das variações do ar em diferentes doencas.

No fim do seculo XVIII, conclue Lavoisier que a previsão das mudanças do tempo é uma arte com os seus principios e regras; e que os dados necessarios para uma tal previsão são as observações diarias da altura barometrica, da força e a direcção dos ventos a diferentes alturas, do estado hygrometrico do ar, etc., etc. D'aqui o empenho em se recolher taes dados systematicamente, habitualmente: quasi todos os paizes civilizados estabelecem observatorios, munidos de instrumentos precisos, susceptiveis de darem o desejado desideratum.

E' de então para cá que muito se tem inventado e escripto: casas constructoras, em competencia, sempre á demanda do melhor; bibliothecas cujas estantes peizam de uma litteratura meteorologica immensa!

E' de um d'esses observatorios que venho hoje tratar. Refiro-me ao Observatorio da Beira, Africa Oriental.

Installado na chamada «Torre do Chive», de madeira e ferro-zincado, construida em 1891 pelos expedicionarios á Manica, para servir de pharol — começou a funcionar em dezembro de 1893, isto é, pouco tempo depois da posse da Companhia de Moçambique aos territorios de Manica e Sofala. Deve-se a sua installação ao então governador d'estes territorios, o snr. coronel Joaquim Machado.

Tendo funcionado com regularidade até dezembro de 1896, deixou de dar á publicidade as observações d'essa data até junho de 1898; data em que passou á dependencia da capitania dos portos, recomencando-se a publicação dos boletins, que, novamente, cessou em outubro de 1899, devido, d'esta vez, ao mau estado dos instrumentos. Nomeada, em novembro de 1900, uma commissão para estudar o assumpto, foi reorganizado o observatorio em harmonia com o seu parecer; reparada quasi em todo a torre, adquiridos novos instrumentos, concertados os susceptiveis de serem aproveitados; confiando-se o seu funcionamento á inspecção da Direcção de Agrimensura.

Recomencada a publicação das observações em agosto de 1901, seguindo-se as instruções e praticas do Observatorio Infante D. Luiz, de Lisboa, o serviço do observatorio tem sido regular até ao presente. Hoje, por seu turno, o observatorio da Beira instrue, em grau modesto embora, postos meteorologicos que, em numero de 16, se acham installados em varios pontos dos territorios da Companhia de Moçambique, e elle é a sede dos estudos sobre os assumptos que dizem respeito á meteorologia local; devendo, em breve, permutar os seus boletins com os dos principaes observatorios da Africa e Europa.

Possuidor de thermometros de maxima e de minima, thermometro padrão, psychometro, psychographo, hygrometro, anemometro, anemographo, anemoscopio, nephoscopio, barometros, barographo, evaporometros, ozonometro, pluviometro, pluviographo, heliographo, cacimbometro e actimometro; o observatorio meteorologico da Beira, quando dotado de um magnetometro e de um electrometro, cuja acquisição está prevista no orçamento da companhia para o anno de 1904, satisfará, por completo, o quadro de observações a que se propõe um observatorio, digno de tal classificação, e relativamente aos seguintes phenomenos:

Pressão atmosferica; temperatura atmosferica; grau de humidade; vento, sua força e sua direcção; irradiação solar; evaporação; magnetismo terrestre; estado do ceu e o estado electrico da atmosphera.

Beira, outubro de 1903.

M. Mendonça d'Oliveira.

HISTORIA DE PORTUGAL

Contada aos pequenez portuguezes

Elaborada conforme o programma de ensino primario

Por H. LOPES DE MENDONÇA

Outro livro para as escolas que conforme a nova reforma do ensino primario, obedece ao programma que lhe marcou os limites.

E esta a primeira difficuldade a vencer n'um livro d'esta ordem e, comtudo não pôde ser de-

Temos, enfim, um novo compendio de Historia de Portugal em novos moldes que marcam progresso no ensino e que honram o auctor.

C. A.



LOPES DE MENDONÇA

envolvido nem complicado, para que os estudantes possam alcançar em sua infantil intelligencia.

Resumir quanto possível a historia; respigar os factos mais notaveis que constituem a evolução d'um povo secular, que tão grande contingente deu para a civilização moderna, não é facil fazel-o em 90 paginas in-8.º e que aproveite quanto possível ao estudante.

O modo de fazer isto constitue um estudo especial, mais que um estudo, uma rara aptidão pedagogica, que não se decreta, mas que é mister encontrar.

Venceu o auctor uma grande parte d'essa difficuldade e estamos certos que a venceria completamente, se a restricção do tempo não se impozesse, como breve foi a gestação da reforma do ensino, para ser pensada, perfeita e de proficuos resultados.

N'esta historia já apparece um pouco mais o povo collaborando com os reis na formação e desenvolvimento da nacionalidade portugueza. Já não é aquella por onde aprendemos e nos massamos, com os reis e os seus filhos legitimamente naturaes, que logo de creança nos dava que pensar nas especies de filhos que ha n'este mundo.

Mas que difficuldade synthetisar tantos factos e de arte que se fixem na memoria da creança, para que, se ella não proseguir em estudos superiores, lhe fiquem, pelo menos, noções do valor da sua nacionalidade.

Apezar de todo o cuidado do auctor em frizar os factos mais importantes, notamos a falta de um que mais nos impressionou. Referindo-se á maior parte das rainhas mulheres dos reis portuguezes, não encontramos referencia a D. Filippa de Lencastre mulher de D. João I, e que, sem duvida, foi das mais notaveis, tanto pela sua influencia nos costumes, como, principalmente, na educação de seus filhos, essa brilhante prole do mestre d'Aviz, esses infantes que se entregaram ao sport da conquista de Ceuta, e iniciaram os descobrimentos,

Por mares nunca d'antes navegados

que deram á Europa o principio d'uma nova civilização.

Ocioso será dizer que os factos são bem coordenados, por quem conhece a historia e n'ella tem sabido encontrar motivos de bellas produções litterarias, tanto no livro como no palco dos theatros portuguezes, com o talento e arte que todos reconhecem em Lopes de Mendonça.

E' o livro illustrado com muitos desenhos de monumentos, retratos e quadros historicos, estes na sua maioria reproduzidos de composições de Manuel de Macedo que tão brilhantemente illustram uma Historia de Portugal, escripta por diversos auctores e que foi ha annos editada pela Empresa Litteraria de Lisboa. Do OCCIDENTE tambem são extrahidas muitas outras gravuras, como o auctor menciona no indice.

Escusado á encarecer a vantagem d'estas illustrações, suggestivas e attraentes para o estudante e que não deixarão de influir no seu espirito.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

Todos os amadores photographicos tem reconhecido o inconveniente de certos reveladores mancharem os dedos ou mesmo provocarem a eczema sobretudo nos arthriticos — A maneira de o evitar será nunca tocar o cliché com os dedos, e para isso foram imaginadas luvas de caoutchouc ou pinças — As luvas nem sempre são commodas pois que podem provocar accidentes nos clichés — Bani-mol as, portanto, para esse fim. Quanto ás pinças ellas muitas vezes impedem-nos de podermos examinar a imagem, no decorrer da revelação.

A pinça «Ideal» parece obstar esses contras — É formada de um forte fio de latão dobrado em angulo recto nos seus extremos, guarnecidos de dois pedaços de eboite podendo correr ao longo do fio, o que permite de lhes dar a inclinação necessaria para poder segurar os clichés de todas as dimensões.

A curvatura da extremidade em angulo recto, permite examinar facilmente o cliché, por transparencia, durante a revelação, e facilitar cobrir a tina onde se faz essa operação.

A natureza e seus phenomenos

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

II—MOVIMENTO

(Continuado do n.º 899)

Consta de um tubo em espiral, enrolado n'um eixo, á semelhança de um parafuso e inclinado de 45.º, mergulhando, na sua parte inferior, dentro de agua existente n'um reservatorio, e tendo, na parte superior, uma manivella á qual se imprime movimento de rotação. D'esta forma, a agua vae

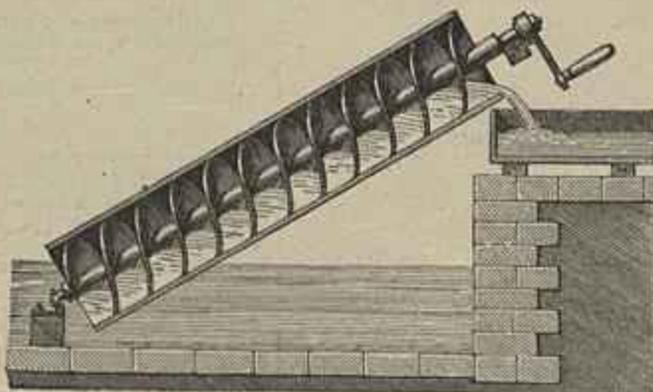


Fig. 31 — Parafuso de Archimedes

subindo pelas voltas da espiral do parafuso, até attingir a parte superior, onde se exgota.

Para tirar a agua dos poços, é trivial utilizar-se de baldes. Afim de obstar á força muscular do homem, de baixo para cima, e desviar o balde, das paredes do poço, de modo a impedir o attricto, é conveniente fazer passar a corda, presa ao balde, por uma roldana, fixa á parte superior do poço. Empregam-se, em geral, dois baldes, um a cada extremo da corda, compensando-se, assim, os seus pesos, e havendo, unicamente, a vencer, o peso da agua e o attricto da corda, podendo-se, tambem, por este meio, tirar, do poço, maior porção de agua, em igual tempo.

As *cegonhas*, utilizadas para o mesmo fim, compõem-se de uma grande vara, atravessada por um eixo em torno do qual gira, tendo em uma das

suas extremidades, uma pedra e prendendo-se a corda do balde ao outro extremo. Um homem puchando pela corda, faz girar a alavanca, descendendo o balde, que se enche de agua, e elevando-se a pedra. O balde cheio, o homem larga a corda, e o peso da pedra é sufficiente para fazer girar a alavanca e elevar o balde, então cheio.

Outro meio utilizado nos campos, para elevar a agua, são as *noras*.

Compõem-se de uma serie de *alcatruzes* ligados a um eixo horizontal, ao qual se imprime movimento de rotação. Os alcatruzes enchem-se de agua, mergulhando no fundo dos poços, e, em resultado do movimento de rotação do eixo, lançam-na n'uma calha, collocada ao nível da parte superior do eixo.

Nivelamento dos terrenos.—O principio do equilibrio dos liquidos em vasos communicantes, fornece-nos meios de podermos nivelar terreno.

Nivelar é averiguar se um terreno está mais alto ou mais baixo do que outro.

O *nível de agua* consta de um tubo de latão de um metro de comprimento, recurvado em angulo recto nos extremos, onde existem dois tubos curtos de vidro, de igual calibre. Apoiase o nível n'um tripé. Deitando agua, nos tubos, o liquido occupará o mesmo nível em ambos elles. O raio visual lançado na direcção dos dois niveis deve, portanto, ser uma linha horizontal.

Para nivelar o terreno com este nível, procede-se do seguinte modo: O observador dirige um raio visual na direcção do nível da agua existente nos tubos, para o centro de uma mira (rectangulo de papel collocado á distancia e a uma altura determinada, assente sobre uma regua graduada, de madeira). Do lado do observador, colloca-se outra mira. A altura a que se acha uma das miras, medida por meio da regua graduada, comparada com a altura a que se acha a mira, existente do lado opposto e medida da mesma forma, indicar nos-ha a differença de nível dos terrenos.

O *nível de bolha d'ar* consta de um tubo de vidro levemente curvo e fechado nos extremos, contendo liquido e uma bolha de ar, a qual, quando o terreno é horizontal, se conserva a meio do tubo, que, na parte superior, é graduado em partes eguaes, achando-se o zero da escala perfeitamente ao centro. Por conseguinte, se o terreno for horizontal, a bolha de ar marca igual numero de divisões da escala, tanto para a direita como para a esquerda do zero. Desde que haja alguma inclinação no terreno, a bolha de ar tende a dirigir-se para o lado d'onde o terreno for mais elevado.

O instrumento é preservado por um tubo de latão que o cobre totalmente, á excepção da parte media superior, e é ligado a uma regua metallica, a qual tem, n'um dos seus extremos, um parafuso.

O chefe de serviço dos navios e machinas da officina de construção da artilharia, em Puteaux, o capitão Leneveu, imaginou ha pouco, um novo nível que parece remediar os inconvenientes que todos os outros apresentam. O nível de bolha de ar desregra-se muitas vezes, e além d'isso apresenta uma linha de base extremamente curta; o nível de agua necessita de um grande campo de vista, sendo seu manejo muito delicado.

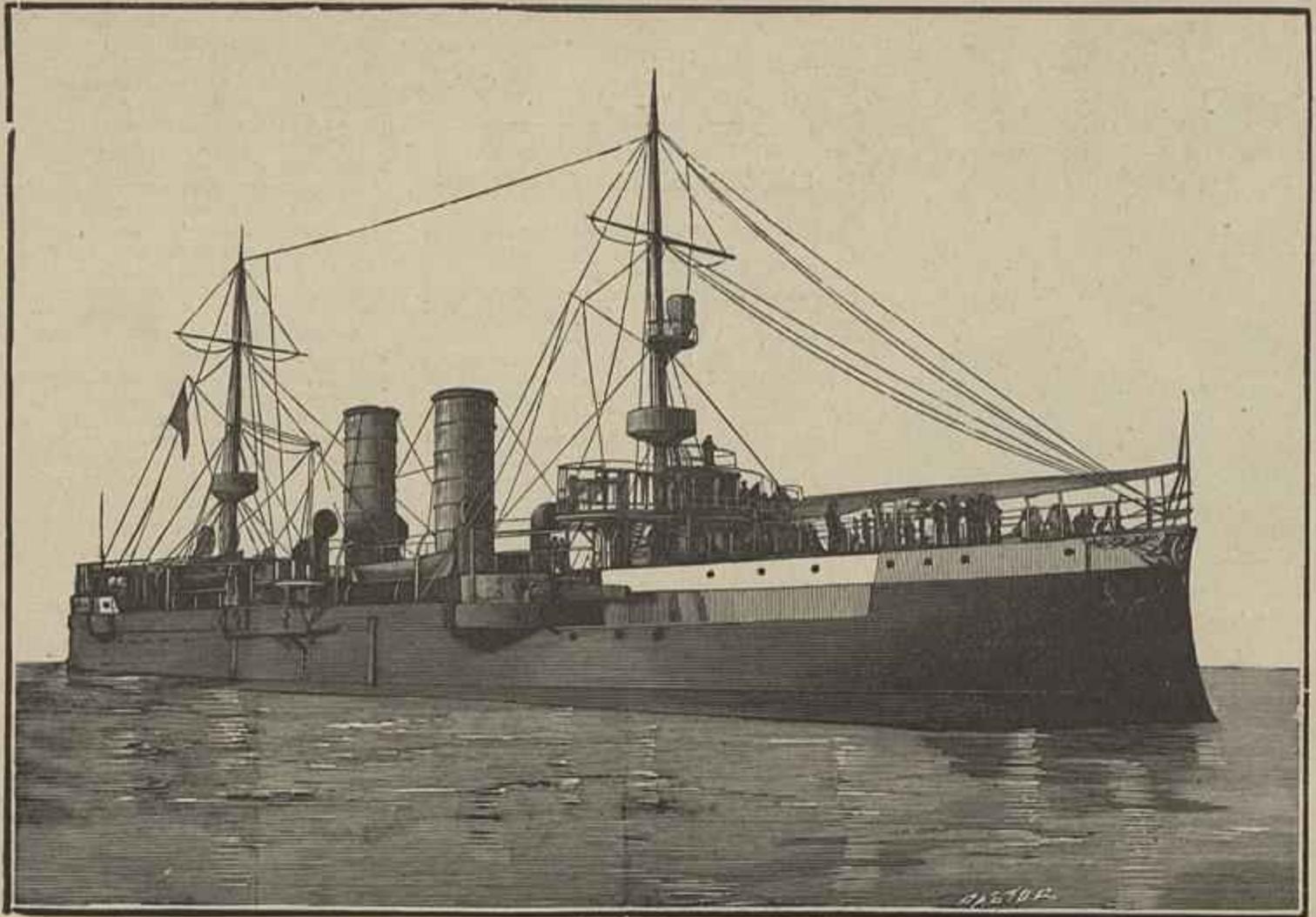
No novo nível do sr. Leneveu, esses inconvenientes, parece, não existirem.

O aparelho compõe-se de duas pequenas garrafas de vidro cheias de agua e communicando por meio de um tubo flexivel. Na parte superior de cada garrafa, existe uma parte terminada em ponta, indicando a distancia exacta para cada uma d'ellas entre o plano superior do liquido e o plano inferior da base do mesmo frasco. Por meio da differença d'estes dois numeros, podemos achar com exactidão, a distancia entre os dois planos, sobre os quaes repousam as bases das garrafas. Para esse fim, essas hastes devem ser graduadas. O envoltorio dos frascos é em forma de funil e munido de um nonio que serve de guia ás hastes graduadas. Em occasiões de transporte do aparelho, uma torneira interrompe a communicação entre os dois recipientes, e nos fornece uma aproximação, d'essa graduação, até 1/50 de millimetro. Um nível espherico garante a verticalidade dos recipientes.

Capillaridade. Mergulhando uma vareta de vidro na agua, notar-se-ha que a superficie do liquido, eleva-se um pouco, junto á vareta.

(Continua.)

Antonio A. O. Machado.



O COURAÇADO «VASCO DA GAMA» RECONSTRUIDO NOS ESTALEIROS ORLANDO DE LIORNE, ENTRADO NO TEJO EM 12 DE DEZEMBRO DE 1903 (Photographia do sr. Manuel Martins)

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes
DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO
Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colhetta de urina de cada um dos rins
 CONSULTAS | Senhores — às 10 horas da manhã
 Homens — às 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

BERLITZ SCHOOL
 LINGUAS VIVAS

Lisboa	Porto	Coimbra
Rua do Alecrim	Largo dos Loyos	Vianna
20 A.	14	Braga

Ensino pratico por professores estrangeiros

Guilherme da Silva Spratley & C.^a

Antiga casa A. Augusto da Silva, Successores
 FUNDADA EM 1840

Vinhos do Porto e outras qualidades para consummo e exportação
 ESCRITORIO

162 — Rua do Arsenal — 164 — LISBOA

PASTOR, GOUVEIA & C.^a

Agencia geral no Brazil do

Correio da Europa

Agentes das principaes casas editoras de Lisboa e Porto.

78, 1.º, R. de S. Pedro — RIO DE JANEIRO

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
 nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Alfredo Rebello

CIRURGIÃO DENTISTA

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Dentaduras artificiaes, em ouro, enoutebou, etc., pelos systemas mais aperfeiçoados. Extrações de dentes sem dor. Elixir Odontologico «REBELLO»

Consultas todos os dias das 9 ás 5 da tarde

39. 1.º — POÇO DO BORRATEM, — 39 1.º

Em frente da Rua da Britega — LISBOA

PRATOS

Para ornamentação

De casas de jantar, o que ha de mais raro e bom, na China e Japão, acaba de chegar ao Mandarim Chinez colossal sortido; vêr e admirar a enormissima variedade, e sem duvida o melhor brinde pela raridade e originalidade.

Barateza sem igual só no

MANDARIM CHINEZ

143, Rua Augusta, 145 — LISBOA

Papelaria

e typographia

BAETA DIAS

Sempre artigos de novidade

para brindes

Rua Augusta

LISBOA

PREVENÇÃO

Ninguem compre moveis sem conferenciar com os vantajosos preços da nossa Fabrica do Porto, no deposito do Largo do Calhariz, n.º 26 e 27, aonde o publico encontrará um grande sortimento de mobílias em diversos estylos, para todos os preços, assim como reposteiros, tapetes, oleados, espelhos, cortinas, galerias, etc. tudo por preços sem competencia.

Largo do Calhariz, 26 e 27 — LISBOA

REIS & FONSECA